

TURISMO SEXUAL | Em dez anos, apenas quatro visitantes de fora do País foram julgados por exploração sexual em Salvador; em cidades turísticas, como Porto Seguro, o delito ocorre explicitamente nas ruas

Justiça condena dois estrangeiros pelo crime



Ernst pagou R\$ 20 mil por corrupção de adolescentes



Mário: sexo oral em troca de drogas e dinheiro



Luigi foi absolvido pela Justiça por falta de provas

EDER LUIS SANTANA
E KATHERINE FUNKE

eluis@grupoparatde.com.br e
kfunke@grupoparatde.com.br

Cena típica do verão em Salvador: estrangeiro passeia com duas meninas dentro do Shopping Barra. O turista compra presentes para as garotas. Mas, dessa vez, uma vendedora desconfia e chama a Polícia Militar. Graças à denúncia, é preso o alemão Ernst Dorzok, 42 anos. Fotos de meninas em poses eróticas são encontradas na máquina fotográfica do suspeito.

Infelizmente, o exemplo da vendedora ainda não é hábito, e poucas são as pessoas com este tipo de atitude diante do fato de estrangeiros andarem impunes enquanto exploram crianças e adolescentes. Levantamento feito por A TARDE mostra que, nos últimos dez anos, apenas quatro estrangeiros foram julgados pelo crime de exploração sexual infanto-juvenil em Salvador. Dois foram condenados e somente um cumpre pena em regime fechado.

Ernst foi preso em fevereiro de 2004, depois de sair do shopping e

começar a tirar fotos das meninas no Morro do Cristo, na Barra. As garotas tinham 16 anos e conheceram o alemão em um restaurante. Uma delas disse à delegada Simone Malaquias, plantonista da Delegacia de Repressão a Crimes contra Criança e Adolescente (Derca), que estava com o namorado ao conhecer Ernst.

A delegada acredita que o suposto namorado era o cafetão, pois mostrou ao turista fotos sensuais das garotas.

"O estrangeiro comprou para as meninas sandálias, biquínis, saída de banho, protetor solar e chapéus", lembra a promotora de justiça Eliana Bloizi.

Após 16 dias na cadeia, Ernst pôde responder ao processo em liberdade. Três meses depois, foi condenado a pagar R\$ 20 mil a instituições filantrópicas. A pena ainda está sendo cumprida.

PARAÍSO – As vítimas dos quatro casos são meninas pobres. Já os gringos, atraídos pelo mito do paraíso sexual, viajam para satisfazer seus desejos em cidades turísticas como Salvador.

A força do estereótipo da Bahia como terra do sexo fácil marca a história do italiano Mário Sibilla, 49 anos, preso em flagrante em maio de 1998 por exploração sexual de adolescentes e tráfico de drogas. Quatro meninas de 13 a 16 anos e uma mulher de 25 anos estavam em seu apartamento, na Barra. Disseram ganhar crack e dinheiro em troca de sexo oral.

Mário confessou a exploração sexual, mas negou que oferecesse drogas. Disse que preferia o sexo oral porque "as meninas do Brasil geralmente são doentes". Após um mês preso, pôde responder ao processo em liberdade, mas não compareceu a nenhuma audiência. As adolescentes negaram os fatos na Justiça e o italiano foi absolvido por falta de provas.

DESAPARECIDOS – A média de tempo entre a instauração de inquérito e a sentença é de três anos e três meses nos crimes de exploração sexual infanto-juvenil registrados em Salvador desde 1992.

Em 50% dos casos envolvendo estrangeiros, a sentença foi deferida em apenas três meses. Mas a ra-



Um argumento utilizado na defesa de acusados é a falta da presunção de violência. Quando a vítima explorada sexualmente tem entre 14 e 18 anos de idade, a legislação prevê que o adolescente tem domínio sobre o corpo. Se o crime sexual acontecer com vítima de idade inferior a 14 anos, o Código Penal encara o criminoso como alguém que usou de violência contra alguém incapaz de dominar desejos e emoções. Mas a legislação internacional é diferente. Na Califórnia, por exemplo, a presunção de violência é válida para todos os menores de 18 anos.

pidez não impediu a fuga do italiano Luigi Rossini, 53 anos, preso em fevereiro de 2005 por ter feito um programa com uma adolescente de 17 anos na Barra.

Luigi ficou um mês na cadeia até ser concedida liberdade provisória. Teve o passaporte retido, mas saiu do País antes de 10 de agosto com documento falso, segundo informações do advogado de defesa, Geraldo Brito, e da Polícia Federal (PF).

A fuga foi facilitada por um erro da PF ao avisar o Sistema Nacional de Procurados e Impedidos. Os nomes dos pais do italiano não foram cadastrados no sistema. Assim, um homônimo foi impedido de sair do País, mas não era o Luigi Rossini procurado na Bahia.

Não havia como saber se o turista havia deixado o Brasil um mês depois do período estimado para sua fuga. "A saída não consta no Sistema Nacional de Tráfego Internacional porque, infelizmente, as inclusões não são imediatamente feitas, por carência de digitadores", informa o chefe da PF à Justiça. Três meses após a prisão, Luigi foi absolvido por falta de provas.



Stanley: encontrado com uma menina deitada, sem blusa, em seu carro

Lawrence Stanley é o único preso

Citado no relatório da CPMI, o advogado norte-americano Lawrence Allen Stanley, 51 anos, é o único estrangeiro condenado à prisão em regime fechado na Bahia por este crime. Mas ele se diz perseguido pela Justiça brasileira.

A palavra da vítima contribuiu para condená-lo. A menina de 12 anos encontrada no carro do norte-americano afirmou à Justiça que tinha saído com ele em troca de um "presente de Dia das Crianças". Testemunhas confirmaram os fatos.

"Nestes crimes, os depoimentos da vítima são muito valorizados", diz o advogado do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do

Adolescente Yves de Roussan (Cedeca), Maurício Freire.

O crime ocorreu em outubro de 2002. Stanley foi detido ao ser encontrado com a menina deitada no banco de trás do seu carro, na Calçada. A criança contou ter suspenso a blusa para que o gringo se masturbasse, em troca de R\$ 30 e um biquíni.

No automóvel, estavam também 170 fotos sensuais de crianças e adolescentes. Quatro meses antes, Stanley foi indiciado pela Polícia Federal por promover pedofilia na internet. Pelos dois crimes, o norte-americano foi condenado à prisão por nove anos, mas aguarda julgamento dos recursos

apresentados às sentenças.

Entrevistado no Presídio Salvador, na Mata Escura, em novembro, Stanley jurou inocência nos dois casos. Mostrou-se irritado com as condenações e, sobre as fotografias, disse que as imagens do site eram feitas com autorização dos responsáveis pelas crianças.

Já sobre a menina de 12 anos encontrada em seu carro, sustentou a tese de ter sido vítima de dois policiais interessados em extorquir dinheiro: teria apenas dado carona para uma menina desconhecida. Dois meses depois, outro homem foi preso por explorar a mesma garota.

ENTREVISTA
SÔNIA CALDAS

“Existe a imagem de mulher fácil”

A TARDE | De onde parte o incentivo ao turismo sexual?
SC | Da comunicação. Mapeamos 600 propagandas de revistas, folders e cartazes destinados ao turismo. Seleccionamos 60 para estudo e descobrimos que a imagem da mulher é constantemente colocada em primeiro plano nas propagandas. Acontece que, na publicidade, se coloca sempre em primeiro plano o produto à venda, aquele que desejamos seduzir o leitor a consumir. Ora, que consumidor se espera ter com esse tipo de anúncio?

AT | De quem é a responsabilidade?

SC | Não acredito que seja culpa do governo. A responsabilidade é dos comunicadores e turismólogos quando deixam passar esse tipo de propaganda. Não adianta o poder público estimular campanhas contra o turismo sexual quando não há colaboração de quem atua na área. Os publicitários têm de ser mais cautelosos. No Sul, na região do cacau, o turismo é vendido em algumas publicações com charges de homens olhando a bunda de uma mulher que representa a figura da Gabriela (personagem de Jorge Amado).

AT | Qual seria a solução para este problema?

SC | Consistência de quem trabalha com publicidade, propaganda e turismo. Além disso, falta uma fiscalização, mas na publicidade é difícil por não haver regulamentação ética e de responsabilidade social pelas consequências que essas propagandas trazem para a sociedade.

AT | Pior ainda quando as vítimas são crianças e adolescentes?

SC | Pois é. E essa exploração acontece com meninas e meninos também. Está sendo construída a imagem de que na Bahia a mulher é fácil e que, por causa do calor, todos se vestem com pouca roupa. Nada disso! Na Europa, por exemplo, há praias de nudismo e não se pensa assim. Na verdade, essas pessoas se submetem a isso porque passam fome. Em Maceió, presenciei duas meninas de 14 anos que se ofereceram por R\$ 15. Já em São Paulo, na frente de teatros, meninas um pouco mais velhas pedem R\$ 500, por hora. Ou seja, a coisa acontece de forma diferenciada, mas existe em todo o País.



QUEM É
Coordenadora da pesquisa **Comunicação e Turismo**, feita em 2002, que analisa como a publicidade e a propaganda trabalham a construção da imagem do turismo da Bahia. É doutora em letras e especialista em análise do discurso publicitário. Professora da Universidade Católica do Salvador (Ucsal) e da Faculdade de Turismo da Bahia (Factur).

Traficantes e guias são coniventes com a exploração

Cada turista estrangeiro paga R\$ 50 para fazer sexo com Joana*, 15 anos. Desde o início deste ano a menina anda pelas ruas de Arraial d'Ajuda, distrito de Porto Seguro, em busca dos visitantes adeptos do sexo fácil. Com a economia da região baseada no turismo, adolescentes como Joana são submetidas à exploração com a conivência e apoio de guias, taxistas, donos de hotéis e traficantes.

Em Arraial, as garotas são exploradas sexualmente na Praça São Brás, em frente ao módulo da Polícia Militar. Os pontos mais cobião são bares e lanchonetes da Rua Broadway. A facilidade para conseguir uma delas se confirma na abordagem constante dos criminosos.

O assédio aos turistas começa na balsa que liga Porto Seguro e



Arraial, onde guias em busca de clientes mostram fotos de pontos turísticos. Basta o visitante perguntar como se consegue "meninas para diversão" que o interesse se transforma em atalho ao mercado do sexo. "Conheço

elas. Tenho facilidade para conseguir. Digo até que você é um conhecido", diz Rogério Dantas, há dez anos guia na região.

À noite, é a vez dos traficantes. Bastaram alguns minutos sentados em uma lanchonete e a equipe de A TARDE conhece Jean Menezes, 19 anos, que se aproxima e pede cigarro. Depois diz ter facilidade para fazer contato com garotas e oferece cocaína por R\$ 30, o grama. Nascido em Jequié, vive há dois anos em Arraial e fatura em cima do sexo e das drogas. "Você me dá R\$ 5 e o preço da menina combina com ela", diz, após apontar uma garota de 15 anos.

IMPUNIDADE – No meio desse conjunto de ilegalidades, as

meninas sem perspectivas de mudança são submetidas à exploração. "Bom é conseguir o dinheiro, mas é horrível fazer sexo sem tesão e amor", desabafa Joana, que se mudou para Arraial após ser contratada como babá.

Depois de demitida, Joana conseguiu abrigo com uma menina de 14 anos acostumada a ganhar dinheiro com turistas. A oportunidade de ser explorada veio com o dono de um mercado que ofereceu R\$ 50 em compras, mais R\$ 20 pelo sexo.

"Ainda não me acostumei com essa vida. Quero conseguir um serviço de doméstica, mas só paro se for para ganhar mais de R\$ 400 por mês", comenta, depois de lembrar que parou de estudar, mas sonha ser jornalista. O tenente-comandante da

Polícia Militar em Arraial, Heraldo Neto, admite que a exploração e o tráfico de drogas acontecem a poucos metros do módulo policial, mas alega não ter efetivo suficiente para conter a ação dos criminosos.

Diante do problema, a coordenadora do Programa Sentinela na região, Maria das Graças Santos, lamenta a falta de capacitação profissional.

"Isso inclui a polícia e os próprios conselhos tutelares que desconhecem os artigos do ECA", diz, ao lembrar de equívocos comuns na cidade, à exemplo de meninas que chegaram a ser detidas, quando, na verdade, é o cliente e os cafetões que devem ser presos. (E.L.S.)

*NOME FICTÍCIO

“Você me dá R\$ 5 e o preço da menina combina com ela”

Jean Menezes, traficante em Arraial d'Ajuda |

“Conheço elas. Tenho facilidade para conseguir. Digo que você é conhecido meu”

Rogério Dantas, guia turístico |